

La Comédiathèque

Um pequeno homicídio sem consequência

Jean-Pierre
Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente á leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
<https://comediatheque.net>**

Um pequeno homicídio sem consequência

Jean-Pierre Martinez

Traduzido por Carla Marques

Do adultério involuntário ao homicídio do mesmo nome,
só há um passo, fácil a dar. O mais difícil,
é fazer o corpo do crime desaparecer...

Personagens

Alban

Eva

Joana

*Uma adaptação desta peça é possível para dois homens e uma mulher:
basta inverter os sexos das personagens.*

Ato 1

Um salão burguês, estilo boémio, um pouco desarrumado. Um telemóvel, abandonado no chão, está a tocar. Alban chega, visivelmente preocupado. Ele tem sangue nas mãos. Ele olha para o telemóvel sem levá-lo.

Alban – Droga...

O telemóvel para de tocar. Ele pega num lenço, apanha o telemóvel com cuidado e coloca no bolso. Ele rapidamente coloca um pouco de ordem na sala. Ele apanha no chão uma camisa manchada de sangue, que ele examina horrorizado.

Alban – Oh, isso não está a acontecer...

A campainha toca. Ele coloca a camisa sob uma almofada do sofá. Novo toque da campainha.

Alban – Estou a ir!

Ele desaparece um momento para ir abrir e volta atrás de Eva, sua esposa.

Eva – Olha desculpa, esqueci-me outra vez das minhas chaves. De qualquer forma, hoje está tudo errado. Fui nomeada para defender uma mulher acusada de homicídio em primeiro grau. Olha, vais rir-te. Uma reparadora que cortou o marido em três pedaços com um serra eléctrica. E acontece que *(Ela interrompe-se ao reparar que Alba não está a ouvir)*. Não pareces muito bem. Ainda estás a pensar na tua nova ideia para a peça?

Alban – Sim, mas isso não é o problema...

Eva – Bem, estás a assustar-me. Qual é o problema? Não me digas que a tua mãe vem jantar?

Alban – Não, não, descansa...

Ele senta-se no sofá.

Eva – Então, não pode ser assim tão mau. Por acaso, o que queres comer? Não me apetece cozinhar. Podíamos encomendar sushi, e comê-los a ver TV, não?

Alban – Sim... Mas, não... Não tenho a cabeça para isto, sabes.

Eva – Não sabia que era preciso ter cabeça para engolir sushi... *(Ela senta-se ao lado dele no sofá e beija-o.)* Não é como se eu te convidasse para me abraçares, aqui e agora, no tapete da sala. *(Perante a sua falta de entusiasmo)* Que entusiasmo! Pronto, eu vou pedir dois menus. O que é bom com sushi, é que nunca irá arrefecer!

Alban – Não são como os cadáveres.

Eva marca sua surpresa ao ouvir esta frase mórbida.

Eva – Bom... Até o sushi chegar, podes contar-me as tuas desgraças e farei o impossível para te devolver a alegria da tua vida. *(Ela pega no telemóvel e começa a marcar números.)* Salgada ou doce?

Alban – O quê?

Eva – O molho, para o sushi! Salgada ou doce?

Alban – Não sei...

Ele levanta-se e caminha...

Eva – Uma de cada, como sempre... *(Com a pessoa no telefone)* Sim, é para uma entrega a domicílio. Dois menus California. É isso, 9 rua Fernando Pessoa... pode ser uma salgada e uma doce. Ok, muito obrigado. *(Ela arrecada seu telemóvel.)* Daqui meia-hora... Vá lá, vem e senta-te ao meu lado, a Mama vai cuidar de ti... *(Ela move uma almofada para lhe dar espaço, vê a camisa ensanguentada e puxa-a para cima.)* O que é esse horror? O que aconteceu aqui? *(Vendo o sangue nas mãos dele.)* Aleijaste as mãos?

Alban – Não, eu... Não é minha camisa, e também não é meu sangue...

Eva – E de quem é, o sangue?

Alban – Olha, Eva, acho que matei alguém...

Eva *(incrédula)* – Achas? Mas o que é que estás a dizer?

Alban – Não, de facto... eu não acho... Tenho a certeza...

Eva – Mas enfim, Alban, isso não é possível Não se mata alguém assim. Olha, para mim por exemplo, muitas vezes quis matar a tua mãe, e ainda não o fiz. E sabes porquê?

Alban – Não...

Eva – Porque não sou uma criminosa, é por isso! Eu não estou no impulso. Eu estou no pensamento! Eu peso os pros e os contras. E penso que 20 anos de prisão, ainda seria muito caro pagar pelo prazer que me daria estrangular a tua mãe.

Alban – Parece que os homens resistem muito menos aos seus impulsos.

Eva – Escuta, Alban, eu vejo todos os dias criminosos, no tribunal. E podes acreditar quando eu digo que tu não tens o perfil.

Alban – Eu também pensava assim... até a pouco tempo!

Eva – É uma ideia para a tua nova peça?

Alban – O quê?

Eva – A história de uma mulher que chega a casa depois do trabalho, e a quem o marido diz que matou o amante? Queres testar a tua ideia em mim, não queres?

Alban – Porra, Eva, eu matei uma pessoa, como posso dizer-te isso, para acreditares em mim?

Eva – É que não basta fingir que somos assassinos, sabes? Ainda tens de o provar.

Alban – Ah é...?

Eva – Se soubesses quantas pessoas se culpam por um crime que não cometeram... Na semana passada, no tribunal, estava a defender um escoteiro acusado de ter assassinado um padre. Bem, vais rir-te mas havia meia dúzia de outros escoteiros que se gabavam de o terem assassinado também. Tive de lutar para convencer o juiz de que o meu cliente era o culpado.

Alban – Ok... E como é que fizeste isso?

Eva – Muito simples... Só ele sabia debaixo de que árvore enterrou o cadáver do santo homem!

Alban – E daí?

Eva – E daí? Where is the body?

Alban – Ele está na cozinha.

Eva, de repente, parece perceber a gravidade da situação.

Eva – Na cozinha? Estás a brincar comigo.

Alban – Queres ir ver?

Eva olha para a cozinha, hesite mas desiste.

Eva – Mas... o que aconteceu? E quem é ele?

Alban – É... Jorge.

Eva – Jorge?

Alban – Jorge.

Eva – Não... Não pode ser Jorge...

Alban – Preferias que eu matasse outra pessoa?

Eva – Meu Deus, Alban... Diz-me que não é verdade...

Alban – Quem me dera... Infelizmente...

Eva – É uma piada, não é?

Alban – É a camisa dele que tens nas mãos. Mira... Tem as iniciais dele gravadas nos botões-de-punho.

Eva dá um olhar alucinado sobre os botões-de-punho.

Eva – J.R.

Alban – Jorge Ribeiro. Além disso, não conhecemos mais ninguém que use botões-de-punho, a não ser no dia do seu casamento.

Eva – Mais enfim Alban... porquê?

Alban – Foi um acidente...

Eva – Um acidente? Queres dizer... Um acidente doméstico?

Alban – Podes chamá-lo assim...

Eva – Diz-me mais! Estavas a cortar as sebes no jardim, não viste que ele estava lá atrás a mijar, e cortaste-lhe... a carótida? Se for algo assim, não te preocupes, não é crime... com um bom advogado...

Alban – Infelizmente, não foi assim que aconteceu.

Eva – E como é que aconteceu, então?

Alban – Digamos que foi mais um... homicídio involuntário

Eva – Como isso, involuntário?

Alban – Tivemos uma conversa.

Eva – Uma conversa? Queres dizer uma discussão?

Alban – Sim, é isso. Uma discussão, se preferes.

Eva – Uma discussão violenta, e?

Alban – Pelo menos, suficientemente violenta para que o matasse. Mas espera aí, eu sinto que já estou a responder a um interrogatório.

Eva – Desculpa... Ossos do ofício.

Alban – O que é certo, é que o matei.

Eva está devastada.

Eva – Tudo isso é da minha culpa.

Alban – Como?

Eva – Quero dizer, não diretamente, mas bom....

Alban – Como isso, da tua culpa?

Eva – Não te vou abandonar, Alban. Um crime passional, é um bom argumento na justiça, sabes.

Alban – Um crime passional? Queres dizer.... Eu e Jorge?

Eva – Mataste-o porque dormi com ele, é isso?

Alban (*siderado*) – Dormiste com o Jorge?

Momento de incerteza.

Eva – Não foi por isso que o mataste?

Alban – Não sabia que tu tinhas dormido com ele.

Eva – Já foi a muito tempo.

Alban – Quanto tempo?

Eva – Não me lembro. Seis meses, mais o menos...

Alban – Isso é o que tu chamas «muito tempo»? Breve vais dizer que há prazo de prescrição, não é?

Eva – Foi... um acidente.

Alban – Ah sim... «Um acidente doméstico»?

Eva – Não foi um caso romântico, Alban. Só aconteceu uma vez. Eu nunca o amei.

Alban – Ena, agora é que vou dormir mesmo descansado... a saber que tu podes dormir com tipos de quem não gostas!

Eva – Tipos não! Foi só o Jorge, a sério. Foi apenas um mal entendido! Jorge! Espera, estás a imaginar-me com o Jorge!

Alban – Lembra-te que ele é o meu melhor amigo.

Eva – Lembra-te que o mataste...

Alban – E como aconteceu, então?

Eva – Foi... um mal entendido.

Alban – Ah estou a perceber... Um adultério «acidental»

Eva – Exatamente!

Alban – Eu nunca ouvi uma explicação tão péssima. Esta é a tua linha de defesa?

Eva – Não vamos virar o jogo, está bem? Tu é que cometeste um crime, não eu. E agora tens de te explicar a polícia.

Alban – Porque vais me denunciar a polícia?

Eva – O que mais podemos fazer?

Alban – Era o que queria fazer, pois é. Antes de chegares. Mas agora que sei que o Jorge é teu amante... ninguém vai acreditar em homicídio involuntário!

Eva – Agora a culpa vai ser minha! E ele não é meu amante, como tu dizes. Só fizemo-lo uma vez!

Alban – Seja o que for, vai parecer vingança. A um ato premeditado. Prisão perpétua!

Eva – Explicamos-lhes a história toda...

Alban – O adultério involuntário?

Eva – Eh! Eu não matei ninguém, ok?

Um tempo.

Alban – Então o que vamos fazer?

Eva – Como isso, vamos?

Alban – Não vais me abandonar, pois não? Enganas-me com o meu melhor amigo, e agora que o matei, lavas as tuas mãos nessa ?

Eva – Quando o mataste, ainda não sabias que eu tinha dormido com ele!

Alban – Não vamos jogar com as palavras ok?

Eva – Alias, é verdade. Porque é que mataste Jorge já agora?

Alban – Uma história estúpida.

Eva – Sou todo ouvidos..

Alban – Digamos que... Ele confessou-me que não gostou nada mesmo da minha última peça.

Eva – Tua última peça? *O banheiro?*

Alban – Ok, talvez pode não ser a melhor.

Eva – Foi um fracasso!

Alban – Agradeço a delicadeza de me recordar...

Eva – Eu não disse-te que tinhas de mudar o título? E foi por isso que o mataste? Porque ele disse-te que não gostou desta peça, que de qualquer maneira, todo o mundo achou uma merda?

Alban – Parece que despertou entre nós, uma rivalidade latente durante anos. Sempre tivemos uma competição, Jorge e eu. Para as raparigas, por exemplo. Já no liceu...

Eva – Pronto, e então?

Alban – Tivemos uma briga, ele escorregou e bateu com a cabeça no canto da mesa.

Eva – Vendo todo o sangue na camisa, estava a pensar mais em uma facada.

Alban – Começou a sair sangue por todos lados. Pelos olhos, pelo nariz, pelas orelhas. Ele teve convulsões durante um bom quarto de hora. E depois, nada.

Eva – E não pensaste a ligar para o 112?

Alban – Não, mas eu estou a dizer um bom quarto de hora, talvez foram uns minutos o segundos. Eu estava em pânico... apavorado... Não me dei conta. Quando decidi ligar, já era tarde (*Toca a campainha, Alban parece preocupado*). Achas que são eles?

Eva – Quem? 112?

Alban – A policia!

Eva – Se não lhe telefonaste...

Alban – Talvez os vizinhos tenham ouvido alguma coisa.

Eva – Ah, não, deve ser a Joana...

Alban – Joana? A esposa do Jorge? Mas como ela já pode saber?

Eva – Ela não sabe. Ela me chamou uma hora atrás. Tinha esquecido completamente. Ela queria falar comigo sobre algo importante. Eu disse-lhe para passar.

Alban – Não abrimos.

Eva – Ela vai achar estranho. Eu disse-lhe que estava em casa.

Alban – Tens razão. Então, vai tu. Vou esconder-me na cozinha.

Eva – Não achas que devíamos contar-lhe tudo? E acabar com isto...

Alban – Dizer-lhe que o cadáver do marido está deitado no chão ao lado, numa poça de sangue? Achas mesmo que é a maneira certa de lhe dizer que é viúva?

A campainha toca de novo.

Eva – Ok... Vou tentar envia-lá e depois logo se vê.

Alban – Sobretudo, não a deixas entrar na cozinha.

Alban vai esconder-se na cozinha. Eva vai abrir, depois de colocar a camisa de baixa na almofada.

Eva – Já vou!

Eva sai e volta com a Joana.

Joana – Desculpa aparecer sem avisar. O Jorge não está em vossa casa?

Eva – Jorge? Que ideia? Não, porquê?

Joana – Pensei que tinha visto o scooter dele lá em baixo, mas pronto. Um scooter ou outro. São todos iguais, não são?

Eva – Sim... Pois é.

Joana – E Alban?

Eva – Sim, sim, está aqui, mas... está a trabalhar. Na sua nova peça. E sabes como ele é, quando escreve.

Joana – Eu entendo. Especialmente depois do fracasso que ele fez com a última peça... Como é que se chamava?

Eva – *O banheiro.*

Joana – Era óbvio que ia ser uma grande cagada!

Eva – Imagino que não tenhas vindo falar comigo sobre isso.

Joana – Peça desculpa de incomodar. Sei que não é uma boa altura, mas é importante.

Eva – Mas com certeza. Não me incomodas. Se não podemos contar com os amigos quando precisamos deles... Queres beber alguma coisa?

Joana – Não obrigado, estou bem assim.

Eva – Ótimo (*Joana olha para Eva um pouco surpreendida.*) Não, quero dizer... Por favor, senta-te. (*Joana vai para sentar-se no sofá perto da almofada debaixo da qual está a camisa.*) Hum... não, sente-te aqui.

Eva indica a Joana um banco bastante desconfortável.

Joana (*sentando-se*) – Bem...

Eva – Não, porque nestes sofás, sabes como é... Adormeces depressa. Estou um pouco cansada, e... quero estar focada em ouvir-te. (*Ela apanha um assento semelhante e também se senta.*) Então, o que tu tinhas de tão importante para me dizer?

Joana – Ora... Não vais acreditar... Acabei de descobrir que o Jorge anda-me a trair.

Eva – Não? E tu não o sabias ?

Joana – Não... Porquê, tu sabias?

Eva – Não, claro que não. Queria dizer.... E sabes com quem?

Joana – Não exatamente.

Eva – Ainda bem, ainda bem...

Joana – Como isso, ainda bem?

Eva – Não, quero dizer, não seria pior se soubesses com quem?

Joana – Não sei.

Eva – O que importa, além disso... O importante é que ele traiu-te, certo?

Joana – Sim, tens razão. O pior é que ele anda a trair-me com alguém que conheço.

Eva – Ah pois...

Joana – Consegues imaginar? Descobriste que o teu marido anda a trair-te com a tua melhor amiga?

Eva – Mas o que estás a dizer?

Joana – Não, não te preocupes. Nunca te faria uma coisa dessas.

Eva – Obrigada.

Joana – Seja o que for, acabou-se. Vou divorciar-me.

Eva – Não te entusiasmes muito depressa. Não achas que é precipitado? Talvez foi um acidente?

Joana – Um acidente? Como isso? Achas que encaixas em alguém assim, tu? Por descuido? Porque estás um bocado aluado? E depois, basta fazer uma declaração ao seguro e ele paga?

Eva – Não, claro que não, mas...

Joana – E quando volta para casa, o gajo diz simplesmente a mulher : olha, esqueci-me de te dizer, tive um pequenininho acidente, encaixei a vizinha!

Eva – Ele encaixou a vizinha?

Joana – Não, eu só disse isso assim! É um exemplo. Tens a certeza que estás bem? Parece que esta história te está a incomodar mais do que a mim.

Eva – Eu preocupo-me contigo. Vocês eram um casal tão... quando diziam Jorge e Joana, era...

Joana – É como dizer Alban e Eva.

Eva – Então imaginar que vocês vão se separar...

Joana – Pois é, viste? Nada dura para sempre.

Eva – É verdade que Adão e Eva não acabaram muito bem.

Joana – Seja o que for, nunca mais vou dormir debaixo do mesmo tecto que aquele filho da mãe!

Eva – Ah pois, compreendo, naturalmente.

Joana – E conto contigo para me divorciares, não é?

Eva – Achas? Não sei bem se... Conheço os dois, pode ser embaraçoso.

Joana – Estás a gozar? És minha amiga. O Jorge é mais amigo do Alban. Conhecíamos-nos muito antes de os conhecermos, certo?

Eva – É verdade...

Joana – Todos porcos, pá... Não estou a dizer que o Alban também é, claro.

Eva – Claro.

Joana – Ainda que, os dois, cá entre nós, formam um belo par...

Eva – Não exageres. Garanto-te que Alban...

Joana – Espera aí, ele vai sentir o cheiro do divórcio. És ou não uma assassina?

Eva – Perdão?

Joana – Como advogada! Tu és uma assassina, não? A tua reputação é essa.

Eva – Ah é?

Joana – Foi a Paola que me disse. Sabes, trataste do divórcio dela.

Eva – Ah sim?

Joana – Mas sim! Ela era casada com um dentista. Um grande consultório no Rossio. Aparentemente, na sua cadeira de baloiço, as suas pacientes não só abriam a boca para arranjar os dentes. Enfim! ouvi dizer que deixaste o marido pelado.

Eva – Não exageres. Não é exactamente o papel de uma advogada, sabes. Um divórcio é, em primeiro lugar, o fracasso de um projecto de vida em comum. Estamos aqui para tornar essa separação menos dolorosa.

Joana – Não sejas tão modesta. Eu sei que és uma assassina! E estou a avisar-te, Jorge, eu quero sangrá-lo até secar.

Alban volta, com um avental manchado de sangue.

Alban – Bom dia.

Joana – Pensava que estavas a escrever a tua nova peça de sucesso.

Alban – Estava a cozinhar ao mesmo tempo...

Joana – É mesmo...

Alban – Sabes, escrever tem muito a ver com cozinhar. Bons ingredientes no início. Uma boa receita. Um pouco de sal. Um pouco de pimenta. Depois disso, é só deixar ferver.

Joana – Muito bem. Eu não sabia que tu pretendias substituir o Henrique Sá Pessoa... e qual é a tua especialidade?

Alban – O patê de javali.

Eva – A sua famosa receita secreta. Quando ele faz isso, ninguém pode entrar na cozinha.

Alban – E tu, como estás?

Eva – O Jorge deixou-nos... quero dizer, a Joana... Ela decidiu deixar o Jorge.

Alban – Não?

Joana – Acabei de descobrir que o filho da mãe me andava a trair. Sabias de alguma coisa, tu?

Alban – Eu? Mas absolutamente de nada! Porquê eu saberia de alguma coisa?

Joana – Solidariedade masculina, eu sei o que é. Quando se trata de fornecer um álibi a um amigo... ou mesmo um quarto de hóspedes.

Alban – Garanto-te que estás no caminho errado, Joana. Bem! Somos amigos... como podes pensar que...

Joana – Desculpa, estou a ficar nervosa. Estou a começar a dizer disparates.

Eva – Vais ficar aqui por um tempo, até te acalmares um pouco. Depois, vais para casa dormir e falamos sobre isto amanhã. Com a cabeça fresca. Está bem?

Joana – Na minha casa? Eu disse-te, não há hipótese. Alias, aproveito o facto de estarem aqui os dois para pedir um favor...

Alban – Sim...?

Joana – Importam-se que durma aqui esta noite?

Eva – Ou seja...

Joana – Amanhã, eu arranjo uma solução... ou vou viver com a minha mãe. Mas esta noite.. *(Ela começa a soluçar)* preciso de um pouco de companhia. E vocês são os meus únicos amigos.

Eva aproxima-se dela para consolá-la.

Eva – Sim, claro.

Joana – Eu já sabia que eu podia contar com vocês. E não me imagino contar isto a minha mãe. Ela odiava o Jorge. Ela sempre disse que ele era um homem a mulheres. Infelizmente, ela estava certa. Mas eu não quero ouvir suas lições de moral agora. Enquanto com vocês...

Eva – Pois claro, nós estamos aqui contigo. Não é, Alban?

Joana – Vocês são verdadeiros amigos. Significa muito para mim.

Joana cai nos braços de Eva.

Eva – Não te preocupes, vai ficar tudo bem... Espero...

Alban – Vou deixar-vós sozinhas, vou acabar o meu patê...

Eva olha para ele, chocada.

Joana – Se o tivesse aqui, a minha frente, não sei do que seria capaz, juro por Deus... Até podia ter vontade também de transformá-lo em patê, esse porco....

Eva – Vá, não digas isso...

Joana *(limpando as lágrimas)* – Lamento muito ter-te feito passar por isto.

Eva – Estás melhor?

Joana – Um pouco... Mas agradecia algo para beber agora.

Eva – Euh... Sim... O que é que queres?

Joana – Um copo de agua da torneira, tanto faz. Mas não te preocupes, eu vou lá a cozinha servir-me.

Eva – Não!

Joana (*admirada*) – Ah pois, é verdade... Esqueci-me... o patê de javali.

Eva – O que precisas é duma bebida forte.

Joana – Eu não sei se...

Eva – Eu tomo uma contigo. Também preciso de uma bebida.

Joana – Ah é?

Eva sai de um buffet uma garrafa e dois copos. Eva levanta o copo para brindar.

Eva – Pronto, não nós vamos deixar abater, ok? (*Confusa*) Vamos ultrapassar isto...

Ela desata a chorar, e desta vez é Joana que se aproxima para consolá-la.

Joana – Eu sabia que eras uma amiga, mas francamente, não pensei que te afectasse assim.

Eva levanta-se.

Eva – Vá, vamos brindar... Não traz o Jorge de volta, mas vai nós ajudar a relaxar.

Ela bebe o shot. Joana a imita.

Joana – Bem... Isso acordaria um morto...

Eva – Quem me dera...

Joana – O que é isso?

Eva – Álcool de batata.

Joana – Ah pois... É... Cheira a... Não tem muito gosto, pois não?

Eva – Não.

Joana – De qualquer forma, limpa bem os brônquios...

Eva (*distráida*) – Sim...

Silencio.

Joana – Como pude ser tão estúpida?

Eva – Perdão?

Joana – Com Jorge! Não esperava nada por isto.

Eva – Talvez ele volta... É sou um pesadelo, vais ver, e vamos todos acordar.

Joana – Infelizmente, acho que não. Estavas a perguntar-me a bocado se eu sabia quem era...

Eva – Quem?

Joana – Aquela com quem o Jorge me traiu!

Eva – E depois?

Joana – Se só existisse uma...

Eva – Como isso?

Joana – Achei, por acaso, a descobrir a password do seu computador de trabalho, que o Jorge tinha uma conta num site de encontros.

Eva – Um site de...

Joana – Encontrossemfuturo.com... Não é com uma mulher só que ele me engana, é com centenas!

Eva – Não?

Joana – É um tarado sexual, digo-te. Velhas, jovens, gordas, magras, loiras, morenas... Para isso, ele não faz caretas. Ele agarra tudo o que se move.

Eva – Ah é...?

Joana – Eu estou a descobrir esse homem, acreditas? E se viesses as papas delas...

Eva – Ah porque além disso, ele coloca as fotos...

Joana – Não, quis dizer... o papo, o bate-papo. Neste site de encontros.

Eva – Com certeza. Há limites.

Joana – Pois, os limites, posso dizer-te que o Jorge vai longe, longe demais.

Eva – Não?

Joana – Se lesses as conversas, juro-te.. estou a descobrir o homem viste? Porque comigo, é muito mais enfiadinho...

Eva – Sim, comigo também. Quero dizer, com Alban.

Joana – Olha cuidado. Pensamos que os conhecemos, e um dia...

Ouve-se o som de uma faca eléctrica, de um corta-sebes ou de uma serra eléctrica.

Eva – Ele está a cortar as sebes.

Joana – A fazer o patê de javali?

O ruído duplica.

Eva – Talvez eu deva ir ver o que ele está a fazer. E deixar-te instalar no quarto de hóspedes?

Joana – Está bem. Não te incomodes. Eu conhece o caminho. E mais uma vez, obrigado por tudo.

Joana sai. Alban volta.

Alban – Onde é que ela foi?

Eva – Estrangulei-a e coloquei-a na banheira enquanto esperava. Mais vale apagar todas as testemunhas inconvenientes.

Alban – Não fizeste isso?

Eva – Claro que não. E tu? Podes me explicar o que está a acontecer? O que é esse barulho todo?

Alban – Não podia deixá-lo no meio da cozinha.

Eva – E depois?

Alban – Coloquei-o no congelador. Até decidirmos o que fazer com o corpo.

Eva – E entretanto, cortaste as sebes? Na cozinha?

Alban – Não mas, como não cabe tudo inteiro...

Eva – Meu Deus... mas não é possível... Como é que isto aconteceu, Alban? Vou já chamar a policia.

Ela pega no telemóvel.

Alban – Queres mandar-me para prisão?

Eva – É o lugar dos criminosos, não é?

Alban – Repito, foi um acidente.

Ela reconsidera.

Eva – Tens a certeza absoluta que ele está morto?

Alban – Queres dizer : tenho a certeza que ele estava mesmo morto, antes de eu o cortar em três pedaços com um corta-sebes?

Eva – Nunca pensei ouvir isso da boca do homem com quem casei.

Alban – Sabes a fórmula? Para o melhor e para o pior... Devias ter pensado nisso antes.

Eva – Antes o quê?

Alban – Antes de me trair com o Jorge...

Eva – Tu enlouqueceste, Alban. Precisas de ajuda. Tu mesmo diz que é homicídio involuntário Alegamos insanidade temporária.

Eva marca um número.

Alban – Não faças isso.

Eva – É a única maneira.

Alban – Serás considerada cúmplice.

Eva – E porquê?

Alban – A mulher dele está aqui. Tu não lhe disseste nada.

Eva – Mas porque te ajudaria a fazer isso?

Alban – Porque ele também te enganava. Querias vingança.

Eva – Como assim, ele me enganava?

Alban – Ouvi-vós há pouco. Eu conheço-a, a conta dele neste site de encontros.

Eva – Então tu sabias?

Alban – Sabes, quando se trata de sexo, os homens são muito gabarolas. As vezes, até é de pensar que eles enganam as suas mulheres só para se poderem gabar da lista de conquistas com os amigos. É assim que eles caçam.

Eva – E tu não me disseste nada?

Alban – De que te serviria saber? Além de te colocar numa posição embaraçosa com a Joana...

Eva – Estou a perceber, era para me proteger. De qualquer forma, eu não tinha motivos para matar o Jorge.

Alban – Achas?

Eva – Por que teria feito aquilo?

Alban – Ciúmes, também. Como Joana...

Eva – Mas és louco...

Alban – Pensavas que eras a única. Não conseguiste suportar descobrir que eras apenas uma das muitas conquistas dele. E quando te disse que queria matá-lo, ajudaste-me. Para apagar qualquer rasto da tua culpa... maneira de falar.

Eva – Tu és mesmo doido, Alban!

Alban – Somos os dois! Quem é igual, junta-se. Vejo daqui os títulos dos jornais : «O casal diabólico despedaça o cadáver do marido da sua melhor amiga e conserva-o no congelador. Antes de jantar tranquilamente no quarto ao lado com a viúva»...

Eva – Contarias uma história como esta a policia! Só para arrastar-me contigo na tua queda. É monstruoso!

Alban – Mas não sou eu que contaria isso! É isso que o juiz vai pensar. Mesmo que eu alegue que sou o único culpado, ele vai ficar convencido de que estou a tentar proteger-te.

Ela parece estar confusa.

Eva – Achas?

Alban – Seja o que for, será o fim da tua carreira como advogada. Como se pode confiar o divórcio a alguém que corta sebes aos seus amantes?

Eva – Infelizmente, tens razão...

Alban – E também, imaginas-te a dizer ao juiz que me enganaste sem querer?

Eva – Mas é a verdade, juro!

Alban – Um adultério involuntário? Conta-me isso, para ver se me convences...

Eva – Foi no fim de semana, em que foste para Faro para a estreia de *O banheiro*. Eu tive que ir a Coimbra para um julgamento que finalmente foi adiado.

Alban – É melhor dizeres que não querias ver este naufrágio...

Eva – Pronto, não estávamos cá nem um, nem outro. E a casa era para estar vazia.

Alban – O Jorge pediu-me para lhe deixar as chaves, para encontrar uma das suas conquistas. Então eras tu?

Eva – Não claro que não! Cheguei a casa no meio da noite, sem avisar. Não sabia que lhe tinhas emprestado a casa. E sobretudo, a nossa cama conjugal, para dormir com uma das suas amantes.

Alban – É a única cama de casal da casa. E daí?

Eva – Então deitei-me logo quando cheguei em casa.

Alban – Com o Jorge...

Eva – Eu bem vi que estava alguém na cama, mais pensei que eras tu! Pensei que finalmente, decidisses voltar para casa logo após a tua estreia. Como sabia que ia ser um fracasso, não fiquei surpreendida...

Alban – Obrigado...

Eva – Não fiz barulho para não te acordar.

Alban – Mas finalmente, o teu parceiro acordou.

Eva – A cadela do Jorge devia ter saído no meio da noite, provavelmente. E, pelas vistas, ele não ficou satisfeito.

Alban – Então foste a substituta, por assim dizer. Entraste no campo no intervalo, não é?

Eva – Ele deve ter-me confundido com ela. Foi só na manhã seguinte que percebi que não eras tu, na cama. Embora tenha ficado um pouco surpreendida.

Alban – Porquê, foi melhor do que o habitual?

Eva – Eu não disse isso... Vamos dizer que não era a mesma coisa. E eu não entendia porque tu querias tanto me chamar de Alexandra 69.

Alban – Ele deu-te a volta, não foi?

Eva – Digamos que... não estava acostumada.

Alban – Estás a gozar comigo, ainda por cima...

Joana volta.

Joana – Desculpa... Podias emprestar-me uma escova de dentes? Saí como uma louca. Não previ...

Alban – Olha, esta noite, não te enganas de cama. Nunca se sabe..

Joana – Euh sim...

Alban – Vou deixar-vós... Devem ter muito para conversar... experiências a partilhar.

Ele sai.

Joana – O que é que ele quis dizer?

Eva – Não sei... Sim talvez...

Joana – Quê?

Eva – Ele acusa-me de o trair.

Joana – E... é verdade o não?

Eva – Foi um adultério... involuntário

Joana – Adultério involuntário? É uma piada?

Eva – Não.

Joana – Ah...

Eva – Um dia fui para casa. Estava um homem na minha cama. Foi só na manhã seguinte que percebi que não era o meu marido.

Joana – Estás a gozar comigo?

Eva – De maneira nenhuma.

Joana – Quem quer que pense isso, Eva? Não ao teu marido, espero.

Eva – Tens razão... Isso é completamente inacreditável.

Joana – É uma pena, já agora. Imaginas? O prazer sem a culpa.

Eva – E sem castigo.

Joana – E valeu a pena?

Eva – Eu...

Joana – Enganar sem saber, não é realmente enganar. *(Ambas começam a ter um riso nervoso, mas Joana, subitamente, retoma a sua seriedade)*. Sim... Mas se o Jorge se atrevesse a contar-me uma história tão estúpida, é que ele pensa que sou uma idiota.

Eva – Ah pois... Mas... Não achas que um casal tem de perdoar?

Joana – Perdoar? Eu poderia matá-lo.

Eva – É uma maneira de falar, acho eu.

Joana – Alguma vez pensaste em matar alguém?

Eva – Olha...

Joana – Se o Alban te traísse, por exemplo, podias matá-lo?

Eva – Porquê? Tens alguma informação específica sobre isso?

Joana – Não, não, não.

Eva – E... E tu, nunca traíste o Jorge?

Joana – Não... Enfim... depende do que se chama trair.

Eva – Ah é?

Joana – Quero dizer, tecnicamente... eu

Eva – Estou a ver... Chupar é trair? Esse tipo de coisa...

Alban volta.

Alban – Bom... Agora podemos sentar a mesa.

Eva – Sentar a mesa? Estás decidido a fazer uma confissão completa?

Alban – Eu só estava a falar sobre o jantar.

Joana – Ah pois, é verdade... O patê do javali...

Eva – Vou refrescar-me um pouco.

Eva sai. Silêncio embaraçado.

Joana – Não lhe contaste?

Alban – Quê?

Joana – O nosso pequeno deslize, no ano passado, no Ano Novo.

Alban – Mas não! Porquê?

Joana – Eu não sei... Eu acho-a estranha.

Alban – Não é isso, garanto-te.

Joana – É porque nunca falamos sobre isso. Eu estava um pouco bêbada. Tu também. Mas não significou nada, está bem? Foi só... um pequeno acidente.

Alban – Oh, não... Não vais começar com os teus acidentes, também...

Joana – Desculpa ter falado nisso, não devia ter...

Alban – Já estou a esquecer...

Eva está de volta com um ar perturbado.

Eva – Vamos engolir esse javali o não?

A campainha toca.

Alban – Quem é que pode ser?

Eva – A policia ?

Joana, intrigada com o seu comportamento estranho, lança-lhes um olhar inquieto.

Alban – Eu vou... Se eu não voltar daqui cinco minutos, liga para a minha advogada...

Eva lança um olhar a Joana para tranquilizá-la.

Eva – É um jogo entre nós.

Joana – Está bem.

Eva – Gostas do javali?

Joana – Sim, bom...

Alban volta com um pacote.

Alban – Foi o sushi.

Eva – Ah pois, é verdade, esqueci-me completamente.

Joana – Porque também pediram sushi?

Momento de embaraço.

Escuro.

Ato 2

Joana – Parabéns pelo teu patê, Alban. Foi delicioso.

Alban – Obrigado... Desculpa o chumbo no qual quase partiste o dente. Por mais cuidadosos que sejamos, há sempre um ou dois restantes.

Joana – Não é fácil fazer qualquer vestígio do seu crime desaparecer, não é? Mas não sabia que eras um caçador.

Eva – Eu também não, curioso não é?

Alban – Hoje em dia, é algo de que não nos devemos gabar.

Joana – Foste tu que o mataste, não foste?

Alban – Oh, sabes, estou apenas a começar... Não sou um bom atirador.

Joana – Sim, confirmo...

Alban – Eu quis dizer, eu não sou uma boa arma. Na caça...

Joana – Nota que um javali é bastante grande. Não há necessidade de ser um gatilho fino, certo?

Alban – Na verdade, foi mais... um acidente.

Joana – Um acidente? Olha só...

Alban – Voltava para casa de uma caçada, de mãos vazias. Justamente, com o Jorge. E na estrada, este javali atravessou-se mesmo debaixo das minhas rodas.

Joana – Um javali deprimido, talvez. Ele queria acabar com a sua vida de porco.

Alban – Sim, sem dúvida...

Joana – Bem... Podes dizer que não tens falta de ar...

Alban – Perdão?

Joana – Não, quero dizer, fazes muitas actividades ao ar livre... caça, golfe...

Eva – Tu também jogas golfe?

Alban – Sim, voltei um pouco a praticá-lo.

Joana – E... estás mesmo a jogar golfe com o Jorge, ou é apenas para dar-lhe um álibi para andar com as suas amantes?

Alban – Não, não, jogamos golfe a sério, garanto-te. E ele é um ótimo jogador.

Joana – Pois... Pelo o que ele me disse, há uns belos 18 buracos no parque de Sintra.

Eva – Tens de me levar um dia, não é Alban? Eu também gostaria de jogar golfe.

Joana – De qualquer das maneiras, vais dar-me a receita do teu patê de javali. Ah não, é verdade, desculpa... Isso também é um segredo...

Silencio embaraçado.

Eva – Um pouco mais de salada?

Joana – Obrigado, não. Não posso comer mais nada...

Alban – Se quiseres descansar, não hesites.

Joana – Com o que me está a acontecer, não sei se consigo dormir. Mas é bom saber que, em caso como este, podemos contar com os nossos amigos.

Eva – Tu estás em casa, Joana...

Alban – Sobre-mesa?

Eva – Temos gelado no congelador.

Joana – Não obrigado. Eu vou lavar as mãos, se não te importas.

Ela levanta-se.

Alban – Na casa de banho, porque a cozinha está um pouco desarrumada.

Ela sai. Alban come mais patê.

Eva – Está tudo bem, parece que estás a levar as coisas pelo lado certo. Nem te tira o apetite...

Alban – Ajudaria se eu morresse de fome?

Eva – Porque lhe disseste que eras caçador?

Alban – Não sei... Veio-me a cabeça assim. Tive de inventar qualquer coisa, para evitar que ela entrasse na cozinha.

Eva – E esse patê? O que é exatamente? Ou é melhor não perguntar?

Alban – Não, não... isso é verdade... é patê de javali.

Eva – Também temos de falar sobre o golfe, porque não me parece muito claro.

Alban – Mas não tenho nada a esconder.

Eva – Além de um cadáver... Vou repetir a minha ultima pergunta, isto não é uma piada? Porque seria de muito mau gosto. A viúva está no quarto ao lado.

Alban – Vai ver o congelador, se quiseres. Mas ficas a saber que não é nada bonito.

Eva – Não quero ver nada. E não quero saber nada.

Alban – Vai ser difícil dizer que não sabias. Não estamos a falar de bebés congelados... escondidos entre duas pilhas de bifês. Mas de um tipo de um metro e noventa e cinco, dividido em três secções de sessenta e cinco centímetros.

Eva – Mas tu és um monstro... Esconder um cadáver, sabes quanto custa? Queres que eu passe os melhores anos da minha vida na prisão?

Alban – Estamos nisso juntos, Eva... Tens de me ajudar!

Joana volta.

Joana – Eu vou ligar-lhe.

Eva – Não sei se é uma boa ideia.

Joana – Ele vai ter de saber que vou deixá-lo!

Eva – Não queres pensar mais um pouco?

Joana – Não, de certeza absoluta. Nunca o perdorei pelo que ele me fez.

Alban – Mas talvez podes esperar até amanhã, não é?

Joana – Se ele não me vir a chegar esta noite, vai perguntar-se para onde fui. Vai chamar a policia.

Eva – Ah pois, nesse caso... Talvez seja melhor avisá-lo!

Alban – No estado em que está, duvido que chame a policia, mas...

Joana – No estado em que está?

Alban – Quero dizer... Ele pode já saber alguma coisa, e não deve sentir-se muito a vontade com isto.

Eva – Não preferes ir para casa? Amanhã é outro dia.

Joana – Nunca mais vou conseguir dormir sob o mesmo teto que aquele filho da mãe.

Eva – Achas que estás em condições de falar com ele?

Joana – Não mas descansa, não vou começar a falar com ele sobre a venda da casa e a custódia do cão. Eu digo-lhe para contactar a minha advogada, o seja tu.

Alban – Então, tu é que vais tratar do divórcio?

Eva – Não sei... Sim. A Joana pediu-me.

Alban – Bem... Se queres telefonar-lhe agora... queres ficar sozinha?

Eva – Se tu queres estar tranquila, podes ir para...

Alban – Para a cozinha, não...

Joana – Vocês não me incomodam, pelo contrario.

Ela marca o número. Ouve-se tocar no quarto ao lado.

Joana – É estranho. Parece que está a tocar ao lado...

Alban – Deve ser o meu.

Joana – E não respondes?

Alban – Sim, sim... Agora...

Ele sai, sob o olhar intrigado da Eva.

Joana – Só fica a tocar.

Eva – Sim... Aposto que sim.

Joana – Porque dizes isso?

Eva – Se ele viu o teu número, e sabe porque é que lhe estás a ligar, talvez... não queira atender.

Joana – É ele... Jorge? Eu sei tudo. Tudo o quê? Claro, faz-te de inocente. Sim, o teu golfe com 18 buracos. Como é que te chamas já, em encontrosemfuturo.com? Ah é, Jorge 327. Parece que já há muitos cabrões como tu neste site, que também tem nome de saloio. Seu bosta! Ora, é só isso que tens a dizer? Idiota! Acabou-se, Jorge 327. Da próxima vez que tiveres algo para me dizer, fala com a minha advogada. Ah conheces-a muito bem, é a Eva. Sim, Eva! A mulher do Alban, o teu melhor amigo. Então perdeste o pio? Boa noite cabrão! *(Ela guarda o telemóvel.)* É tão bom desabafar.

Eva está siderada.

Eva – Quem era?

Joana – Como assim, quem era? Ele, quem queres que seja?

Eva – Jorge? E o que é que ele disse?

Joana – Não muita coisa. O que tu queres que ele diga? Mas ele tinha uma voz estranha. Acho que vou tomar uma aspirina. Tenho uma dor de cabeça que está a começar. Posso ir buscar água a casa de banho?

Eva – Vá lá.

Joana – O filho da mãe.

Joana sai. Alban volta.

Alban – Tudo bem? Que tal?

Eva – Enrolaste-me bem.

Alban – Quê?

Eva – Joana. Ela acabou de falar com o Jorge ao telefone.

Alban – Fui eu.

Eva – Como isso?

Alban – O telemóvel do Jorge! Ele estava no bolso dele, por isso obviamente, ainda estava. Fui eu que atendi, para não levantar suspeitas.

Eva – Não? Foi por isso que ela me disse que ele tinha uma voz estranha.

Alban – Eu fiz como na televisão. Falei através de um lenço.

Eva – És um grande doido.

Alban – Assim, teremos um álibi. Não posso tê-lo matado há uma hora atrás, já que ela falou com ele ao telefone.

Eva – A não ser que a policia tenha a ideia de localizar a chamada. E descubram que era da nossa cozinha.

Alban – Achas realmente que eles poderiam ser tão zelosos?

Eva – Estamos a falar de um crime.

Silencio. Alban finge começar a chorar.

Alban – Se soubesses como me arrependo. Se pudesse voltar uma hora atrás... infelizmente não é possível...

Eva – Mataste-o mesmo porque ele não gostou da tua peça?

Um tempo.

Alban – Não... Não só...

Eva – Então, porquê?

Um tempo.

Alban – Ele disse-me que dormiu contigo.

Eva – Ok... E porque não me disseste logo?

Alban – Queria ver se me contavas primeiro.

Eva – Então, também não acreditaste nele quando disse que era um simples mal-entendido.

Alban – O Jorge não me disse que, para ele, era um mal-entendido. O problema é esse.

Eva – Desgraçado... Vou matá-lo.

Alban – Já está! Só te peço que me ajudes a livrar-me do corpo. Se me amas... Tu amas-me?

Eva – Claro que te amo. Como podes ter dúvidas?

Alban – Eu acredito em ti.

Eva – E eu? Acreditas em mim quando eu digo que dormi com ele por engano?

Alban – Esforço-me... Admite que não é fácil.

Eva – O que posso fazer para te provar o quanto te amo?

Alban – Tu já fizeste muito. Mas tens razão, eu não tenho hipótese de me safar. E não quero te arrastar comigo para a prisão como cúmplice. Vou chamar a policia.

Eva – Não, espera!

Alban – Quê?

Eva – Não quero que vás para a prisão durante anos.

Alban – Mas então o que fazemos?

Eva – Vou ajudar-te a fazer desaparecer o Jorge...

Alban – Como?

Eva – Garanto-te que como advogada, muitos clientes confiaram-me os seus pequenos segredos. E aprendi alguns métodos simples, o suficiente para colocar o corpo de um tipo de quase dois metros, no tubo de evacuação da banheira, depois de uma boa noite num banho de soda.

Alban – Bom...

Eva – Mas primeiro, temos de nos livrar dela.

Alban – Livrar dela?

Eva – Quero dizer, que ela não pode estar no nosso caminho...

Alban – Ouh... Assustaste-me...

Joana volta.

Joana – Tem cara de quem vai a um funeral... Há algum problema?

Eva – Não, não, tudo bem.

Joana – Tentei deitar-me um pouco, mas não consigo dormir.

Alban – Que tal tomarmos uma bebida e relaxarmos um pouco?

Joana – Não sei, com os comprimidos que tomei... é melhor não misturar, não é?

Eva – Vá lá, um pequeno digestivo nunca fez mal a ninguém.

Joana – É verdade que o javali ficou um pouco no meu estômago. Tudo bem, mas... é um pouco pesado, não é?

A Eva serve três copos e coloca discretamente um comprimido num deles.

Alban – Possa, trouxeste o álcool desnaturalizado...

Joana – O álcool de batata...

Eva – É uma especialidade de Amiais de baixo.

Joana – Amiais de baixo?

Alban – Eva tem um tio que morra lá. Um clérigo. Destila-o a noite com um alambique clandestino na cripta da sua igreja.

Joana, distraída, não presta muita atenção a conversa.

Joana – Não sei onde ele podia encontrar-se com as suas amantes.

Alban – Há hotéis em todo a lado.

Joana – Ele era tão mesquinho, que duvido muito. Além disso, estou convencida de que, se ele se inscreveu neste site, é apenas para não ter de pagar prostitutas. Porque, podes crer, a julgar pelas fotos das suas conquistas, ele não era muito interessado na mercadoria!

Eva – Obrigado...

Joana olha para ela com um olhar intrigado.

Alban – Mas porque estás a falar dele no passado?

Joana – Perdão?

Eva – Disseste que ele era tão mesquinho.

Joana – Porque para mim, ele está morto!

Eva – Vá, não digas isso...

Joana – Ou talvez, seja um amigo que lhe emprestou o seu apartamento... e nesses casos, os homens são muito solidários, infelizmente!

Alban serve-lhe outra bebida.

Alban – Vá, estás a magoar-te. Bebe um pouco.

Joana – Não sei o que está a acontecer... Há pouco tempo, não conseguia dormir, mas agora fiquei com sono. Acho que vou dormir...

Joana cai no chão.

Alban – Os comprimidos fizeram efeito, finalmente.

Eva – Foram sobretudo os comprimidos para dormir que lhe pus na bebida.

Alban – Não fizeste isso?

Eva – Agora podemos livrar-nos do corpo.

Alban – O dela?

Eva – O do Jorge! Ajuda-me, vamos pô-la no quarto de hóspedes. Ela acordará amanhã de manhã e será oficialmente viúva.

Alban – Até lhe poupamos as complicações de um divórcio.

Eva – Finalmente, é um favor que lhe fazemos.

Puxam-na pelos pés nos bastidores e regressam imediatamente.

Alban – E para o Jorge, como vamos fazer?

Eva – Soda, pode ser um pouco longo.

Alban – Especialmente se a Joana quiser tomar banho amanhã de manhã.

Eva – Tens razão.

Alban – Vamos dividir o Jorge em três sacos de lixo. E vamos levá-lo a passear na floresta.

Eva – Ou num jardim zoológico... Já vi isso num filme... Atiram-no para a jaula dos felinos, e ninguém sabe de nada.

Alban – Imaginas-te a passar pela segurança do jardim zoológico com três sacos de lixo?

Eva – Podemos passar pela cerca a noite?

Alban – Ok para o Jardim zoológico. Tenho uma pá no jardim.

Eva – E para... Jorge, queres que eu ajude?

Alban – Já fiz a maior parte, eu trato disso. É realmente muito sujo.

Eva – Como tu quiseses.

Ele sai.

Eva – Espero não estar a cometer um erro, mas... é tarde demais agora para recuar. Vá, mais um gole para me aquecer.

Ela serve-se mais uma bebida e vira o copo. O telemóvel dela toca.

Eva – Alô... (*Surpresa*) Jorge? Se é uma piada, não é nada engraçada. És tu Alban? Desculpa, Jorge, és mesmo tu? Não, não, não estou surpreendida mas... Quer dizer, sim, um pouco... Ah, esqueceste do telemóvel aqui. Sim, ele falou-me da vossa... discussão... Mas porque lhe contaste isso? Pronto, agora, já está. Tinha que sair um dia. Ok, eu digo-lhe... Certo... Obrigado por ligar. Olha a propósito, falaste com a Joana? Sim, acho que ela suspeita de alguma coisa. Sim, pode-se dizer isso... Ok, ciao Jorge... (*Ela desliga*) Esse sacana, enganou-me.

Alban volta com sacos de lixo.

Eva (*como se nada fosse*) – Então já está?

Alban – Sim. Demorou um pouco, com o gelo, os pedaços começaram a colar-se num fundo do congelador. Tive que usar um pica gelo!

Eva – Coitado do Jorge... É estranho vê-lo assim, a caminho da grande reciclagem.

Alban – Seja o que for, não sei como te agradecer. É uma prova de amor incrível.

Eva – Então perdoas-me por este adultério involuntário?

Alban – Claro... Mostraste-me o quanto me amavas.

Eva – E eu, perdoo-te por teres posto o teu melhor amigo na minha cama, sem me dizeres, ok?

Alban – Tenho mais dois sacos.

Eva – Eu vou te ajudar.

Alban – Tens a certeza?

Eva – Como disseste antes... para o melhor e para o pior...

Eles saiam. Joana chega, num estado comatoso.

Joana – Estão aí? O que é que eu fiz do meu telefone?

Ela olha para os sacos do lixo com curiosidade. Enquanto procura o telemóvel, ela encontra a camisa ensanguentada, com os botões-de-punho debaixo da almofada do sofá. Intrigada, ela emerge lentamente do seu torpor. Abre um saco e fecha-o imediatamente, horrorizada. Os outros dois vêm com os outros dois sacos.

Alban – Joana, mas o que é que estás a fazer?

Eva – Já não dormes?

Joana – Não... Quer dizer, sim... Só me esqueci do meu telemóvel

Alban – Estávamos saindo para levar o lixo.

Joana – Vou voltar para a cama. Não se preocupam comigo.

Ela sai, assustada.

Alban – Achas que ela suspeita de alguma coisa?

Eva – Talvez devêssemos matá-la também, não?

Alban – Não sabia que estavas disposta a matar por mim. Quase que me assustavas...

Eva (*exaltada*) – Conheces a canção do José Cid? *Um grande, grande amor!* (*Cantando*) Este amor não tem fronteiras, barreiras, muro em Berlim, é um mar, é um rio, é uma fonte que nasce dentro de mim...

Alban (*preocupado*) – Ouve lá, tenho de te dizer uma coisa...

Eva – Não me digas que tu mataste mais alguém...

Alban – Não, precisamente... Quer dizer, si, mas...

Eva – Pobre Jorge... Mesmo assim, era um amigo. Gostaria de despedir-me uma ultima vez. Em que saco meteste a cabeça?

Alban – Se fosse a ti, não fazia isso.

Eva – Acho que precisamos de conversar, não é?

Alban – Ok, não é o Jorge, nos sacos do lixo.

Eva – Como assim, não é o Jorge? Porque mataste outra pessoa?

Alban – Não... quero dizer, não matei ninguém. Como pudeste pensar isso?

Eva – Estou a começar a não ter certeza de nada. *(Ela abre o saco e o seu rosto muda.)* Mas que horror! Então, mataste realmente alguém?

Alban – Não... Enfim, sim... mas não...

Eva – O que é isso?

Alban – O javali...

Eva – O javali... Alban, não és um caçador. Ou é mais uma coisa que me escondeste?

Alban – Eu não sou caçador, juro. Mas a história do javali era verdade.

Eva – A sério? Gostaria de ouvir isso...

Alban – Estava com o Jorge. Estávamos a jogar golfe.

Eva – Ah golfe... Não me digas que durante o jogo, entre o décimo sétimo e o décimo oitavo buraco, mataste um javali com uma bola de golfe?

Alban – Estávamos a voltar para casa, de carro. Fomos contra um javali na floresta. Quase nos matamos. Porque um javali de 200 quilos, a 90 quilómetros por hora, posso dizer-te que faz estragos, mesmo a conduzir um grande 4 por 4.

Eva – Sim, eu imagino...

Alban – Saímos da estrada. Jorge até estava um pouco tonto.

Eva – E?

Alban – Como ele ainda estava vivo, decidi levá-lo a um veterinário.

Eva – Jorge?

Alban – O javali! Pusemos-o na bagageira. Só que, quando chegamos ao veterinário, tinha sucumbido aos seus ferimentos.

Eva – Quem?

Alban – O javali!

Eva – Ah ok...

Alban – Já que ele estava na bagageira, não sabíamos o que fazer com ele. Foi nesse momento que o Jorge resolveu transformá-lo em patê.

Eva – Ideia brilhante... Mas então porque toda esta confusão?

Alban – Enquanto o Jorge estava a cortar o animal, disse-me que tinha dormido contigo.

Eva – Esfolar aquela carcaça de javali deve tê-lo inspirado... E o que é que ele te disse, então? Porque ele bem sabia que estava na cama do amigo...

Alban – Sim, e por isso ele sentia-se culpado. Queria aliviar a consciência.

Eva – A consciência? Jorge?

Alban – Tens razão. Acho que ele queria sobretudo humilhar-me... escondendo-se atrás do facto de que foi um adultério involuntário... como tu dizes.

Eva – E então?

Alban – Ele acabou por me dizer que sabia exactamente o que estava a fazer. E tu também, provavelmente.

Eva – Desgraçado... Juro que...

Alban – Enfim... tivemos uma briga.

Eva – Daí o sangue na camisa.

Alban – Não, esse é o sangue do javali, quando o pusemos na bagageira.

Eva – Ah ok...

Alban – Depois, nós fizemos as pazes. Emprestei-lhe outra camisa e ele foi-se embora.

Eva – E depois?

Alban – Quando chegaste, eu fiquei com raiva de ti. Por não me contar. Senti-me traído. Enganado.

Eva – Desculpa. Mas juro que eu, não sabia...

Alban – Foi quando tive esta ideia. Veio-me assim... Esfolar aquele pobre animal deixou-me em transe. Tinha encontrado a receita na revista «*Maria*».

Eva – Na «*Maria*»?

Alban – Para te castigar. Disse-te que o tinha matado. Para ver a tua reacção. E depois, uma coisa levou a outra, e...

Ouve-se uma sirene de policia. Eva vê a camisa a sair de um saco.

Eva – Deve ser a Joana. Ela viu os sacos e a camisa. Deve ter chamado a policia.

Bate-se violentamente a porta. Joana chega, com uma faca na mão.

Joana – Afastem-se de mim, seus doentes...

Eva – Acalma-te, vamos explicar-te tudo. É sou uma brincadeira estúpida.

Alban – Não é o Jorge, nos sacos do lixo.

Joana – Não te mexas ou disparo!

Alban – É uma faca...

Eva – Eu abro um, e tu podes julgar.

Ela mostra-lhe o conteúdo de um saco.

Joana – Mas o que é esse horror?

Alban – É um javali. Olha! Está cheio de pelos.

Joana – Jorge também tinha muitos pelos!

Eva – Não tanto assim...

Joana – Como é que tu sabes?

Locutor – Policia!

Alban – Foste tu que os chamaste. É melhor que sejas tu a explicar-lhes.

Eva – Não vai ser fácil...

Joana – Ok...

Joana sai.

Alban – Desculpa... Foi estúpido da minha parte. Mas senti-me traído.

Eva – A culpa é minha. Devia ter-te contado tudo imediatamente. Mas bom, estava com medo que não acreditasses em mim.

Alban – Fomos os dois muitos estúpidos.

Eva – Como se nunca fosse uma solução de varrer para debaixo do tapete... Acaba sempre por sair.

Alban – Sim. É por isso que é melhor dizer-lhes tu também.

Eva – O quê?

Alban – A Joana! Para Jorge.

Eva – De qualquer forma, ele engana-a com tudo o que mexe.

Alban – Sim, mas tu és a melhor amiga dela.

Joana regressa.

Joana – Está tudo bem. Eles foram-se embora. Desculpe, não sei o que me deu.

Eva – Estamos todos um pouco perturbados esta noite. Deve ser lua cheia.

Joana – Não sabia que era lua cheia.

Eva – Bem, se não é lua cheia, é parecida.

Alban – Vou deixar-vos a sós, porque acho que têm muito que conversar.

Alban sai.

Joana – O que é que ele quis dizer?

Um tempo.

Eva – Eu dormi com o Jorge.

Joana – O quê?

Eva – Juro, foi... totalmente involuntário.

Joana – Então, a história que me contaste antes eras tu... e o Jorge?

Eva – Queria contar-te há muito tempo, mas não sabia como.

Joana – Mas como isso é possível?

Eva – Esse sacana de Alban costumava emprestar-lhe a nossa cama de casal para os seus encontros.

Joana – Ok, acredito. E não quero saber mais nada. Tu és a minha melhor amiga, não és?

Eva – Obrigada, Joana.

Joana – Todos cometemos erros, quando bebemos demais.

Eva – Eu estava totalmente sóbria.

Joana – Bem, não é essa a questão. E o Jorge, esse filho da mãe. é melhor que não o tenha a minha frente agora, porque seria capaz de o matar!

Eva – Não se mata alguém assim, não te preocupes. Mas se precisares de uma advogada, estou aqui... para o teu divórcio, quero dizer.

Joana – Obrigado... Bem, acho que é melhor deixar-vos. Vocês também precisam de conversar. Vou dormir em casa da minha mãe. Eu digo-lhe que me esqueci das chaves.

Eva – Tem cuidado... Amanhã, verás as coisas com mais clareza. E tudo será mais claro para nos todos.

Joana vai-se embora. Alban volta. Sentam-se no sofá e ficam em silêncio por um momento.

Alban – Foi mesmo involuntário?

Eva – Digamos que foi... inconsciente...

Alban – Ok, vou fingir que acredito.

Abraçam-se.

Eva – Mas é verdade que, desde então, despertou a minha libido.

Alban – Sim, reparei. E até estava a perguntar-me como isso aconteceu...

Eva – É que devíamos fazer isto mais vezes.

Alban – Queres dizer... esses encontros as cegas na nossa cama conjugal?

Eva – Tens outros amigos a quem emprestas o nosso apartamento para transar?

Alban – Estava a pensar mais no recíproco. Também debes ter amigas que enganam os maridos. Lembra-te que estás um passo a frente.

Eva – Perdão, mas só tenho amigas fiéis.

Eles se beijam.

Escuro.

Epilogo

Três malas guardadas num canto da sala. Alban chega de fora e tira a gabardina.

Alban – Querida! Estás em casa!

Eva chega.

Eva – Então, como é que foi?

Alban – Eles adoram a peça. Decidiram produzi-la no outono.

Eva – Não? É ótimo!

Alban – E acharam o título fantástico.

Eva – *Um pequeno homicídio sem consequência...* Soa melhor que *O banheiro...*

Alban – Devemos referir que é experiência própria...

Eva – Ou quase...

Eles se beijam.

Alban – No final, tudo acaba bem.

Eva – Sempre acreditei em ti. Mesmo quando me contavas histórias para adormecer.

Alban – Por fim, essa experiência juntou-nos. Prometo-te que nunca mais te vou mentir.

Eva – E eu nunca mais te escondo nada.

Alban repara nas malas.

Alban (*preocupado*) – O que são estas malas? Já me vais deixar? Depois de tudo o que me disseste.

Eva – São as malas da Joana. Ela perguntou-me se podia passar cá a noite. Acho que as coisas não correram bem com o Jorge. Ela não sabe para onde ir.

Alban – Que chata...

Eva – Devemos-lhe isso...

Alban – Bom ok... Mas não mais de uma noite, então.

Toca a campainha.

Eva – Deve ser ela.

Alban – Ok, vou buscar o champanhe.

Eva – Para celebrar o divórcio da Joana?

Alban – Para celebrar a montagem da minha peça! Não faz mal, bebemo-la com ela.

Alban sai. Eva abre a porta e volta com Joana.

Eva – Não pareces estar bem. Tiveram uma discussão, não foi?

Joana – Olha Eva... Acho que fiz uma estupidez.

Eva – Estás a assustar-me. Que tipo de estupidez?

Joana – Acho que matei o Jorge.

Eva – Ah não, não... essa, já ouvi antes. Não duas vezes...

Joana – Tivemos uma pequena explicação, nós dois. A coisa ficou feia. E eu disse-lhe para sair de casa imediatamente.

Eva – E depois?

Joana – Bem... Ele foi buscar as malas. Foi aí que as coisas se descontrolaram.

Eva – Descontrolaram?

Joana – Estava a cortar uma galinha. Tinha uma faca eléctrica na mão, e... talvez fui um pouco longe demais.

Eva – Mas onde ele está? No hospital?

Joana – Infelizmente, já era tarde para o 112. Eu só queria assustá-lo. Ele aproximou-se para me desafiar. Fiz um movimento reflexo, e... cortei-lhe a carótida.

Eva – Oh meu Deus... O pesadelo continua. E onde está?

Joana aponta-lhe as malas dos olhos.

Joana – Euh... nas malas...

Eva – Não?

Joana – Vou precisar do teu conselho, Eva.

Eva – O meu conselho como advogada? Não te iludas, Joana. Posso ser uma assassina, mas não vamos poder fazer com que pareça um acidente doméstico.

Joana – Estava a imaginar que o tubo da banheira, depois de um banho de soda....

Eva – Vou ter de falar com o Alban...

Alban regressa, um sorriso no rosto, com a garrafa de champanhe.

Alban – Champanhe!

Eva e Joana olham para ele, espantadas.

Escuro.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Milagre no convento de Santa Maria-Joana

Sexta-Feira 13

Strip Poker

Uma herança pesada

Um pequeno homicídio sem consequência

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*

<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.*

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Setembro 2021

© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-588-3

Documento para download gratuito